

Neste número do boletim da SPQ poderá o leitor encontrar artigos sobre temas variados, demonstrando a centralidade da Química. Gostaríamos de destacar o trabalho, "História Breve dos Pigmentos: III – Das Artes Grega e Romana" da autoria do Prof. Peixoto Cabral, e a tradução de um artigo de D. Lavabre, G. Levy e J. C. Micheau "Autocatálise e complexidade". Este tema já foi abordado no boletim em números anteriores, mas a sua importância justifica a insistência. Fruto de um ensino que a pouco e pouco vai descambando no tratamento da forma sem conteúdo, temos assistido à introdução de trabalhos práticos demonstrativos das reacções oscilantes, desenquadrados do respectivo edifício teórico, que diga-se não é de apreensão imediata e por isso tende a ser alienado. A nosso ver, a generalidade dos programas das licenciaturas em Química têm deixado à margem um dos temas mais

fascinantes e quiçá de maior importância para o pensamento científico. Atrevemo-nos a perguntar: "Quem anda a tramar Ilya Prigogine?"

Destaque ainda para o artigo do Prof. Jorge Calado (infelizmente escrito em inglês), "Wine, Chemistry and Song", e para as habituais seccções temáticas.

Cada vez mais se pode ler artigos de opinião envolvendo matérias científicas, onde a discussão deixa o domínio da ciência para passar ao da retórica. Compreende-se que um Político navegue nas áreas da retórica. Mas um dos paradigmas da Ciência moderna foi exactamente libertar-se dela. À falta de argumentos chegou-se ao ponto de insinuar em artigos de jornais, umas bengaladas. Estamos perante os chamados argumentos trauliteiros. Podem vencer, mas nunca convencer.

Por tudo isto a tarefa de publicações como a nossa é muito ingrata. O mundo de hoje não parece estar a virar-se para a reflexão. O objectivo da SPQ ao divulgar a Química é uma tarefa complicada. Precisamos de encontrar novas formas de intervenção sem cair na demagogia e no espectáculo gratuito. É preciso também acabar com a ideia pseudo-romântica da Química tubo de ensaio e explorações. A Química pode ser também isso, mas é muito mais. No fundo é a Ciência que regula a vida. E só por isso nunca poderemos deixar de continuar.

Antes de encerrar gostaríamos de deixar uma nota de optimismo. Leiam a entrevista feita ao Prof. João Rocha. Felizmente Portugal, em muitas coisas, mudou para melhor.

Boa leitura, e se acharem que vale a pena, divulgem o boletim da SPQ.

## CARTAS AO EDITOR

Caro Editor

A vida dos professores ao longo dos tempos nunca deve ter sido fácil. Num mundo em evolução, é-lhes pedida uma adaptação constante às mudanças da sociedade, às inovações científicas, às novas descobertas em todos os domínios do saber. No século XX terá sido porventura ainda mais difícil face ao ritmo acelerado com que tudo muda.

Nos tempos que correm assiste-se a uma tentativa de reforma dos conteúdos programáticos do ensino, que aparentemente resulta da incapacidade de motivar os alunos para as matérias dadas. Este problema é actual, por exemplo na Matemática e no Português. A solução

que está a ser apresentada parece-nos perigosa e o risco de matar o doente com a cura não é de desprezar. Com base na ideia justa que é preciso motivar os alunos, vai passando a pouco e pouco a ideia que não é necessário esforço para aprender. Chegou-se ao ponto de pretender aliviar o ensino do português da literatura com a desculpa que os alunos ficam a odiar os autores estudados. E nunca mais os irão ler. Em alternativa receita-se, por exemplo, artigos de jornais. Pela mesma lógica poder-se-ia suspeitar que os mesmos alunos vão substituir o ódio aos autores pelo ódio aos jornais. Pela simples razão que analisar seriamente um artigo de jornal dá trabalho! A menos que seja

tudo conversa de café, e nesse caso a utilidade da escola pode ser contestada. Não será possível motivar os alunos sem transmitir a ideia que tudo isto é leve e fresco e não dá trabalho nenhum? Não se pode dar um pouco a ideia do valor do trabalho? E sentir como os irmãos Dalton da banda desenhada, a sensação de prazer que se segue ao esforço conseguido? E será mesmo indispensável e socialmente aceitável nivelar por baixo? E na Química? Não é a Química uma ciência experimental? Não seria preciso um ensino mais laboratorial?

Um leitor devidamente identificado